

# Identidade latino-americana? É possível pensarmos em uma?

**Tais Ferreira (Brasil)**

**Leandro Belinaso Guimarães\* (Brasil)**

**Fátima Hartmann (Brasil)**

**George Saliba Manske (Brasil)**

**Mariangela Momo (Brasil)**

**Shaula Maíra Vicentini Sampaio (Brasil)**

*taisferreiras@yahoo.com.br*

*Mestrandos (o autor marcado com \* é doutorando) do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil), na Linha Estudos Culturais em Educação,*

*Antes mundo era pequeno, porque Terra era grande. Hoje mundo é muito grande, porque Terra é pequena.*

*Pro tamanho da antena parabólica mará.*

*(Gilberto Gil, 1994)*

Vivemos hoje num mundo em constante mudança, de profunda tensão entre o individual e o coletivo, o local e o global. A aceleração dos processos globais rompe com o entendimento de uma sociedade bem delimitada, composta por territórios previamente definidos e demarcados. Tais processos atuam de forma complexa, atravessam fronteiras, integram e conectam comunidades, combinam espaços e tempos.

Apresenta-se a nós um mundo sem “centro” e sem “periferia”? “Agora o que se produz no mundo todo está aqui e é difícil saber o que é o próprio” e o que é o alheio (CANCLINI, 1996, p.17). Parece que todos os lugares, todos os produtos e todas as pessoas estão ao alcance dos nossos olhos, ou melhor, do nosso toque no *mouse* do computador ou no controle remoto da televisão. Talvez viajemos hoje através de terrenos já conhecidos previamente, nos quais nenhuma surpresa parece nos esperar. No intuito de conhecer outros lugares, viajamos. Contudo, quase nunca com a finalidade de desestabilizar nossas identidades, a alteridade que as compõem.”Os limites dentro-fora, centro-periferia tornam-se, assim, insuficientes para a compreensão dessa nova configuração social” (ORTIZ, 2003, p. 19). Vivemos em um mundo onde estas separações se dissolvem como fumaça no ar; no qual os meios de comunicação de massa nos aproximam de todo e qualquer “outro”, por mais distante que esteja; no qual assistimos a diminuição da importância do território e da identidade na construção dos nossos referenciais. Um mundo, enfim, desterritorializado, perturbadoramente próximo, onde “todas as culturas são de fronteira” (CANCLINI, 2003, p. 348). Com isso, não estamos afirmando que o local desapareça, que não tenha mais uma identidade “objetiva” fora de sua relação com o global.

Nesse tempo “mundializado” – como o chamou Ortiz (1994) a fim de destacar os intercâmbios culturais e simbólicos em detrimento aos econômicos e financeiros – consideramos muito pertinente perguntar: como configurar potencialidades políticas e afetivas que possam inundar nossa existência? Como podemos fazer transbordar as identidades que nos dobram? Podemos, ainda, contemporaneamente, pensar uma identidade nacional ou, então, latino-americana (mesmo quando as tomamos como construções culturais e históricas)? Pensá-las, hoje, não seria um descompasso ou quase uma “esquizofrenia” (pelos motivos destacados no parágrafo acima)? Talvez possamos capturar, também, uma pergunta de Ortiz (1985, p.139): “a que grupos sociais elas (as identidades nacionais) se vinculam e a que interesses elas servem?”. Quais potencialidades políticas e afetivas são inscritas no mundo ao nos “inventarmos” sujeitos latino-americanos?

É possível nos aproximarmos dessas questões por vários caminhos, de diferentes maneiras. Retomando as considerações iniciais acerca das reconfigurações do espaço e do tempo em que vivemos, podemos pensar, contemporaneamente, num descentramento dos sujeitos. Negociamos sentidos nestas práticas que nos constituem enquanto sujeitos, nelas e através delas. Desse modo, parece pertinente refletirmos sobre quais instâncias se fazem presentes nas negociações de nossa constituição também enquanto sujeitos latino-americanos.

Podemos lançar um olhar, dentre muitos outros possíveis, sobre as questões inicialmente destacadas. Nossa constituição enquanto latino-americanos pode passar pelas negociações atreladas a dimensões particulares e públicas, assumindo assim, em determinados momentos, diferentes posições latino-americanas. As negociações de sentidos e de subjetividades acontecem nas diferentes dimensões culturais, como as esferas políticas, econômicas e sociais. Nestas, por exemplo, estão em jogo discursos acerca de direitos, deveres, participação e cidadania. Seria pertinente mencionar aspectos mais detidamente econômicos, como as práticas e as atribuições de sentido presentes nos modelos de políticas de integração tais como Mercosul e ALCA. Outras questões, não menos importantes ou desvinculadas das anteriores, são as considerações acerca dos problemas sociais, como a falta de oportunidades no mercado de trabalho, os problemas de moradia, a fome, o analfabetismo, os altos índices de violência, de mortalidade e outros tantos problemas sociais que nos atingem. As negociações que temos com essas instâncias culturais e as configurações contemporâneas que regem nossas vidas agem diretamente nas maneiras como nos entendemos e como somos entendidos enquanto latino-americanos. Walkerdine, ao tratar dos processos de constituição de subjetividades no contexto específico marcado pelas opressões às classes operárias inglesas, afirma não acreditar ser possível que “possamos explorar a constituição destas subjetividades sem antes examinar como a pobreza, a dor, a opressão e a exploração têm a chegado a ter esta importância”(WALKERDINE, 1998, p. 176). Pensando acerca das questões contextuais que nos marcam e de certa forma nos tornam sujeitos, fez-se e faz-se possível problematizar relações e situações presentes no cotidiano da maioria dos povos latino-americanos.

Entretanto, colocar sob rasura (e suspeita) a existência de questões próprias de “uma” identidade latino-americana una, idealizada e comum, parece ser um procedimento que possibilitaria a emergência prática desses novos olhares sobre os processos de subjetivação e identificação que constituiriam uma suposta “latinidade”, entendida como sendo inerente a todos os habitantes daquilo que se convencionou chamar de América Latina, desconsiderando-se, assim, as complexidades, multiplicidades

e diferenças entre os sujeitos que a compõem. América Latina esta que permeia os imaginários globais com seus rituais de negros e índios, com a pobreza concreta e ofensiva, as belezas naturais estonteantes e os recursos abundantes, convivências pacíficas entre povos e violência urbana, lutas sociais e desigualdades financeiras, carnavais e alegrias.

Há dois movimentos que deslocam e impulsionam o fluxo das constituições identitárias contemporâneas e desterritorializadas, entre tantos outros, que merecem algum destaque por contraporem-se e complementarem-se no caldeirão cultural da pós-modernidade no qual encontra-se também submersa a América Latina. Vamos destacá-los neste espaço de discussão e reflexão, de certa forma colaborando com a “esquizofrenia” levantada anteriormente, que se faz pertinente no sentido de pensarmos como são naturalizadas e encaradas enquanto verdades, as histórias que inventamos e/ou (re)produzimos. E a história da qual tratamos aqui é aquela em que nos construímos e somos constituídos latino-americanos.

O primeiro dos movimentos seria a pretensa manutenção de algo que fosse próprio do local (artefatos, práticas e sentidos conferidos a eles, privilegiadamente), daquilo que está nos pátios de nossas casas e vielas de nossos bairros e pretende-se como o que teríamos de “verdadeiramente nosso”, a herança que deveríamos preservar e acolher, a fim de poder remetê-la também aos que virão depois de nós. O outro movimento, de fluxo inverso, seria aquele em que não há mais o reconhecimento do local, no qual, imersos nos *bytes* da rede mundial de computadores e nas ondas televisivas, reconhecemo-nos enquanto cidadãos do mundo, em consonância com os japoneses, tailandeses ou russos que compartilhem dos produtos e significados que forem propiciados pelas vivências midiáticas e tecnológicas que permeiam nosso cotidiano, constituindo-nos enquanto “sujeitos globais”.

Entretanto, os fluxos destes dois córregos, a primeira vista tão díspares, complementam-se e imiscuem-se e, ao invés de limitarem a ação um do outro, potencializam-na, já que as fronteiras são territórios simbólicos que se caracterizam justamente por sua permeabilidade, pela possibilidade de serem atravessadas. Logo, o que podemos perceber é a concomitância destes dois movimentos de formação identitária perpassando os sujeitos que denominamos latino-americanos. O local e o global mesclam-se e interpenetram-se indelevelmente, constituindo o que poderíamos nomear de diferentes formas (hibridismo, mestiçagem, crioulização, apropriação, mistura, transculturação, sincretismo e tradução são algumas delas), sendo, talvez, a possibilidade desta mescla, aquilo de próprio que poderíamos encontrar nos latino-americanos, ainda que das diferentes composições e misturas surjam sabores, cores, odores e texturas os mais diversos possíveis. O traço clivado pelos fluxos híbridos, em constante movimento e mudança, poderia ser o traço fugidio e efêmero de comunhão entre todos que compartilham de alguma forma de “latinidade”, se consideramos que “o hibridismo é muitas vezes, senão sempre, um processo e não um estado” (BURKE, 2003, p. 50).

Estes processos desestabilizam noções convencionais de identidade e provocam-nos, por serem de difícil apreensão, escapando de categorizações, desafiando teorizações, ao mesmo tempo em que nos convocam a buscar outras possibilidades de leitura e de entendimento. Possibilidades estas que precisaremos reinventar a cada situação, a cada passo, a cada impasse, tal a fluidez dos processos estudados.

Enquanto as definições clássicas de identidade pautam-se no estabelecimento de oposições, fundamentais para a sua própria afirmação/constituição, as reconfigurações no mundo atual instam-nos a reconhecer o que foge a essas polaridades, o que as excede. Assim, alguns procedimentos utilizados corriqueiramente para se marcar a instituição de uma “identidade latino-americana” justamente por meio do seu contraste em relação a outras identidades culturais – seja “a identidade norte-americana” ou “a europeia” e até mesmo por outras identidades latino-americanas consideradas menos autênticas – mostram-se ineficazes nestes tempos em que as nações funcionam mais como “cenários multideterminados, onde diversos sistemas culturais se interseccionam e interpenetram” (CANCLINI, 1993, p. 44).

Um dos processos hegemônicos na formação de identidades que podemos perceber é a “eleição” de uma “identidade normal e desejável”, a partir da qual outras identidades são avaliadas e hierarquizadas; problematizá-los é uma possibilidade que buscamos a partir do lugar do qual falamos e nos posicionamos. Estes processos, aqui comentados, favorecem a composição de identidades também por meio da fragmentação e, neste sentido, levantamos os seguintes questionamentos: como avaliar ou hierarquizar identidades quando tomamos “o outro” enquanto parte de nós? Como podemos, ainda, pensar as identidades nestes tempos de mundialização? Como e onde as identidades são produzidas? De que formas podemos estudar os processos de hibridação que passam a ser protagonistas neste cenário pós-moderno?

Ao lançarmos estas indagações, não buscamos respostas imediatas, unívocas e acabadas. São questionamentos que queremos fazer reverberar. Deixar reticências como possibilidade de abertura para respostas parciais, para outras questões e mesmo para pausas, para o silêncio como uma das possibilidades de resposta. E, com isso, propiciar espaço para a coexistência de múltiplas interpretações sobre o que possa(m) ser a(s) identidade(s) latino-americana(s) (ou brasileira(s), ou argentina(s), ou uruguaia(s), ou qualquer outra), de modo a manter sempre abertas a cadeia de identificações e a potência de reflexão acerca dela.

## **Referências Bibliográficas**

BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2003.

CANCLINI, Néstor García. *Museos, aeropuertos y ventas de garage (las identidades culturales en un tiempo de desterritorialización)*. In: FONSECA, Cláudia (org.). *Fronteiras da cultura: horizontes e territórios da Antropologia*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1993.

\_\_\_\_\_. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996.

\_\_\_\_\_. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003a.

GIL, Gilberto. *Parabolicamará*. Álbum: Gilberto Gil - Unplugged. Faixa 10. São Paulo: Warner Music, 2003. (Álbum originalmente lançado em 1994)

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. *Um outro território: ensaios sobre a mundialização*. São Paulo: Olho d'água, 2003.

WALKERDINE, Valerie. *Sujeto a cambio sin previo aviso: la psicología, la posmodernidad y lo popular*. In: CURRAN, James; MORLEY, David; WALKERDINE, Valerie (Comp.) *Estudios Culturales y comunicación. Análisis, producción y consumo cultural de las políticas de identidad y el posmodernismo*. Barcelona y Buenos Aires: Paidós, 1998.